

Série

**ORIENTAÇÕES PARA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**MEDIAR**





Série

**ORIENTAÇÕES PARA  
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**MEDIAR**



**© Senac-SP 2016**

Administração Regional do Senac no Estado de São Paulo

**Diretor do Departamento Regional**

Luiz Francisco de A. Salgado

**Superintendente Universitário e de Desenvolvimento**

Luiz Carlos Dourado

**Gerência de Desenvolvimento 4**

Roland Anton Zottele

**Gerência de Desenvolvimento 4 | Grupo Educação | Posicionamento Educacional e Representação Política**

Ana Luiza Marino Kuller

**Coordenação e Elaboração**

Rosilene Aparecida Oliveira Costa

**Consultoria Técnica**

Ana Lúcia Silva Souza

**Grupo Educação – Desenho Educacional**

Rosiris Maturo Domingues

**Grupo Educação – Supervisão Educacional**

Marisa Durante

**Colaboração**

Grupo Educação – Posicionamento Educacional e Representação Política

**Assistentes de Projetos Educacionais**

Amanda Sousa de Oliveira

Paula Madeira Gomes

**Edição e produção**

Edições Jogo de Amarelinha

## Série

# ORIENTAÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A série Orientações para Prática Pedagógica tem como objetivo oferecer diretrizes, concepções e orientações sobre a prática pedagógica e, assim, contribuir para o alinhamento da ação educativa dos agentes educacionais do Senac São Paulo.

A série é composta inicialmente por cinco guias que abordam os aspectos que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem. São eles:

- **O Jeito Senac de Educar**

Apresenta as diretrizes que fundamentam a prática pedagógica da instituição e consolidam o Jeito Senac de Educar.

- **Planejar**

Apresenta os principais aspectos que subsidiam e compõem o planejamento do processo de ensino e aprendizagem, destacando as características do Plano Coletivo de Trabalho Docente e do Plano de Aula.

- **Projeto Integrador**

Apresenta orientações sobre o desenvolvimento do trabalho por projetos: o planejamento do projeto integrador, as fases para o seu desenvolvimento, assim como a avaliação.

- **Mediar**

Apresenta orientações sobre a mediação docente, bem como a organização do processo de ensino e aprendizagem.

- **Avaliar**

Apresenta orientações sobre a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, abordando as dimensões da avaliação, o acompanhamento da evolução das aprendizagens e os instrumentos e estratégias para avaliar.

Este material foi construído colaborativamente pelos educadores do GEDUC, com importante contribuição das unidades escolares, inclusive aquelas que fazem parte do grupo Pontes.

Portanto, trata-se de um material dinâmico, em constante atualização, contemplando necessidades e expectativas de docentes e outros agentes educacionais, na busca da melhoria e aprimoramento contínuo da ação educacional.

A decorative graphic element on the left side of the page, consisting of a dark purple triangle with a complex pattern of overlapping, semi-transparent circles and polygons in various shades of purple, creating a bokeh-like effect.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>1. O que é mediar?.....</b>	<b>8</b>
1.1 Mediar é preciso!.....	8
1.2 Pressupostos para a mediação.....	10
1.3 A mediação docente.....	14
1.4 O aluno no processo de mediação.....	15
1.5 A mediação do trabalho em equipe.....	17
<b>2. A indisciplina.....</b>	<b>21</b>
<b>3. Organização do processo de ensino e aprendizagem.....</b>	<b>24</b>
3.1 Situações de aprendizagem.....	26
<b>4. Teoria e prática ou teoria ou prática?.....</b>	<b>30</b>
<b>5. Inovação Educacional.....</b>	<b>32</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>36</b>

The image features a large, abstract graphic on the left side, composed of overlapping circles and arcs in various shades of purple, creating a complex, layered geometric pattern. The right side of the image is a solid white background.

## INTRODUÇÃO



## Informação, conhecimento e aprendizagem.

Os alunos de hoje são diferentes daqueles de dez anos atrás, em atitudes, expectativas e comportamentos. O tempo deles também é reduzido. Muitos deles trabalham durante o dia e estudam à noite; realizam atividades escolares fora da sala de aula, frequentam cursos complementares à formação regular e possuem uma gama de atividades que, geralmente, são dotadas de diversos aparatos tecnológicos atraentes e estimulantes.

O cenário atual, em virtude dos avanços tecnológicos, possibilita comunicação e informação imediatas, não existe a barreira do tempo e do espaço. A forma sobre como se obtém informações mudou. Contudo, obter informações não implica, necessariamente, construir conhecimento, e para fazê-lo é preciso investir em propostas que favoreçam a análise, a seleção e o uso adequado dessas informações.

É nesse contexto que ganha destaque a mediação no processo de ensino e aprendizagem. Você já havia pensado sobre esse tema? Sabe quais os pré-requisitos para a construção de uma práxis mediadora?

Para desempenhar o papel de mediador no cenário atual, é preciso:

- problematizar situações,
- favorecer o pensamento crítico e estimular o aprender a aprender;
- integrar a dimensão afetiva no exercício docente - conhecer e compreender os interesses, necessidades e motivações característicos de cada indivíduo (aluno);
- reconhecer o impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação e saber utilizá-las.

Assim, convidamos você a refletir sobre seu papel de educador, numa perspectiva que considere a articulação entre informação, conhecimento e aprendizagem. Para aprofundar esse tema, iniciaremos a discussão sobre o que é mediar no processo de ensino e aprendizagem, contemplando o papel do aluno e do professor bem como a questão da indisciplina em sala de aula.

Em seguida, falaremos sobre a organização do processo de ensino e aprendizagem, com foco nas situações de aprendizagem.

Por fim, encerramos com algumas sugestões de estratégias para o ensino e aprendizagem.

Esperamos que aproveitem este espaço de reflexão!

Boa leitura!

# 1. O QUE É MEDIAR?

Em uma rápida consulta ao dicionário, encontraremos vários significados para a palavra mediar: atuar interferindo em relação a alguma coisa ou a alguém, estar entre algo etc. Mediar pressupõe intervenção em relação a alguma coisa ou situação para provocar alguma mudança, alguma alteração, desenvolver ou aprimorar um estado de coisas.

Cotidianamente, vivenciamos situações em que a mediação acontece, exemplo:

- num conflito onde há disputa de interesses e buscamos uma saída pacífica para equilibrar a situação;
- quando é necessário decidir entre duas possibilidades e podemos contribuir com mais informações para que uma decisão seja tomada etc.

**Mediação é um ato de interação entre um mediador e um mediado.**

Mediar é um ato humano. E a mediação na educação se apoia na crença de que toda pessoa tem potencial de aprendizagem e que esse potencial deve ser estimulado.



## REGISTRE

O mediador é aquele que contribui para desenvolver, alimentar e aprimorar potenciais.

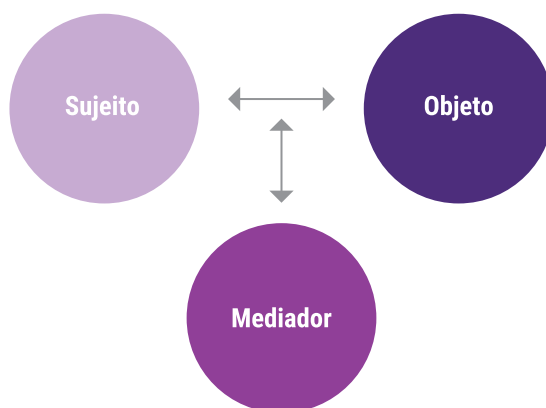
## 1.1 Mediar é preciso!!

Neste item, vamos aprofundar a reflexão sobre a mediação no processo de ensino e aprendizagem.

Veja, na sala de aula:

- O docente é o **mediador** da interação entre os sujeitos e os objetos de conhecimento;
- O aluno é **sujeito** ativo no processo de ensino e aprendizagem, aquele que quer aprender algo, que tem intenção de desenvolver-se;
- O **objeto** de conhecimento é o que se quer aprender e desenvolver.

Figura 1 – Mediação na sala de aula



A relação **Sujeito – Mediador – Objeto** é cíclica. A interação se dá em todos os sentidos, impactando docentes e alunos. A mediação é consciente, planejada, precisa. Por isso, o docente, mediador, precisa saber onde quer chegar e o aluno, sujeito ativo, precisa estar motivado a aprender. O docente tem um importante papel nesse contexto, pois deve ser capaz de motivar os alunos em suas situações de aprendizagem.



## SAIBA MAIS

Para aprofundar seus estudos sobre o tema deste livro, leia:

- Mediação pedagógica na sala de aula, de Roseli A. Cação Fontana;
- Múltiplas vozes na sala de aula: aspectos da construção coletiva do conhecimento na escola; de Ana Luíza B. Smolka;
- Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, de Paulo Freire.



## REPERTÓRIO

Conforme Bzuneck (2000, p. 9) “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”.

A motivação pode ser entendida como um processo e, como tal, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido (BALANCHO e COELHO, 1996).

Neste caminho, NOT (1993) afirma que “toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção”. No campo da psicologia esse dinamismo tem sua origem nas motivações que os sujeitos podem ter. MORAES; VARELA (2007).

Disponível em: < [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf)> Acesso em 03 fev. 2016.

## 1.2 Pressupostos para a mediação

O **diálogo** é um pressuposto básico para que ocorra a mediação, contribui para o estabelecimento de uma relação horizontal entre docente e aluno. E para que seja possível estabelecer essa relação, o docente deve se colocar como um **elo motivador** entre o aluno e o objeto de conhecimento, contribuindo, dessa forma, para que haja aprendizagem.

O diálogo possibilita o resgate dos conhecimentos prévios dos alunos, maior aproximação com as práticas sociais e o contexto a que pertencem, e construção de um ambiente de aprendizagem acolhedor em que eles se sintam parte do todo e esteja aberto às novas aprendizagens.





## REPERTÓRIO

Conhecimentos prévios são os saberes ou as informações que temos guardados em nossa mente e que podemos acionar quando precisamos. Dito dessa forma, parece simples: temos informações disponíveis, que recuperamos quando queremos. No entanto, a situação é bem mais complexa do que isso. Primeiramente, precisamos pensar a respeito do funcionamento da memória. Sabemos que nem sempre é fácil acessar as informações. Tudo indica que não há compartimentos na mente onde as memórias são guardadas, mas há ativações neuronais que reconstroem as informações. Não precisamos entrar em detalhes relacionados ao funcionamento do cérebro, mas precisamos entender que não há 'o' conhecimento prévio, mas informações que podemos recuperar ou reconstruir com maior ou menor facilidade e informações que não recuperamos nem reconstruímos porque não temos dados para isso.

COSCARELLI, Carla V. Glossário Ceale. Disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/conhecimentos-previos-na-leitura> > Acesso em 03 fev. 2016. >

E é, pensando nas “práticas sociais” que se faz necessária a articulação entre o desenvolvimento da competência, quase sempre voltada a um fazer profissional, a conhecimentos construídos sócio-historicamente, ou seja, que fazem parte “da vida real”, para que os alunos possam reinterpretar suas experiências e construir novos saberes em articulação com a vida pessoal. Para isso, é necessário ainda que docente e aluno compreendam que a relação é de parceria intelectual para a construção do conhecimento.



## REPERTÓRIO

A prática social pode ser entendida como estando determinada por fatores econômicos ou de mercado, culturais, religiosos ou políticos e tida como prática social no sentido em que é regida por normas e regras sociais.

In Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016.

Disponível em: < [http://www.infopedia.pt/\\$pratica-\(sociologia\)](http://www.infopedia.pt/$pratica-(sociologia)) > Acesso em 03 fev. 2016.

Há ainda outros pressupostos que caracterizam a mediação e que resultam em uma aprendizagem mediada: **intencionalidade, reciprocidade, transcendência, significado e sentimento de competência** (potencial). Veja:

Figura 2 – Pressupostos para a mediação

**Mediação pressupõe**

<b>Intencionalidade</b>	Definição do <b>objetivo</b> , de onde se pretende chegar (pelo docente).
<b>Reciprocidade</b>	<b>Compromisso</b> do aluno com seu próprio processo de aprendizagem.
<b>Transcendência</b>	Quando a aprendizagem <b>transcende</b> e pode ser aplicada em outras situações, superando limites e expectativas.
<b>Significado</b>	<b>Reconhecimento</b> da aprendizagem (pelo aluno) como importante para si, para o seu desenvolvimento.
<b>Sentimento de Potencial</b>	Investimento na <b>autoconfiança</b> do aluno para o reconhecimento do próprio potencial.

Esses pressupostos são também entendidos como critérios para a mediação. No contexto Senac, vale a pena destacá-los para que possamos nos perguntar se eles estão presentes nas situações de ensino e aprendizagem que planejamos:

A **intencionalidade** é uma forma deliberada, planejada de agir. Ele confere precisão ao processo, direcionando onde quero(emos) chegar.

### **ONDE QUERO CHEGAR?**

A **reciprocidade** está diretamente ligada ao comprometimento do aluno com a proposta formativa, pois ele reconhece o quanto ela é significativa para sua vida. Ela acontece quando o aluno se reconhece como sujeito ativo e faz a sua parte, na parceria que estabelece com o docente para chegar a algum lugar.

## ESTABELECEMOS UMA PARCERIA PARA PROMOÇÃO DO SEU DESENVOLVIMENTO?

A transcendência acontece quando ampliamos a necessidade de aprendizagem do aluno em relação ao objeto de estudo, quando estimulamos a sua curiosidade para saber mais e sempre. A mediação deve promover a **transcendência** para que a aprendizagem se estenda para além da necessidade imediata, que transcenda para contextos e situações diversas.

## O CONHECIMENTO É UM FIM EM SI MESMO?

O **significado** está relacionado ao sentido que o aluno atribui ao objeto de conhecimento. Mediar o significado consiste em envolver o aluno intelectualmente e afetivamente para que ele se sinta motivado a aprender e agregue significados sociais e afetivos ao objeto de conhecimento. Para que o processo de ensino e a aprendizagem seja significativo, é importante nos aproximarmos do universo do educando, levantando seus conhecimentos prévios e partindo deles para a construção dos novos.

## AS APRENDIZAGENS SÃO SIGNIFICATIVAS PARA OS SUJEITOS (ALUNOS)?

O **sentimento de potencial**<sup>1</sup> é um dos aspectos mais importantes no processo de ensino e aprendizagem, pois envolve mais concretamente a ação do mediador para fortalecer a autoconfiança do aluno, fundamental no seu desenvolvimento. A autoconfiança não acontece somente depois que uma ação é bem realizada. Ela deve ser incentivada sempre para que o aluno sinta que será capaz de realizar algo, de que há subsídios (repertório pessoais, insumos de aprendizagem, recursos, parceria docente) que possibilitarão/contribuirão para o êxito de suas ações.

---

<sup>1</sup> A literatura, que trata dos critérios da mediação, utiliza a expressão "sentimento de competência" para se referir à convicção do sujeito de que é capaz de enfrentar uma situação-problema. Neste trabalho, usamos "Sentimento de Potencial" para nos referir a essa mesma ideia.

## 1.3 A mediação docente

Na Proposta Pedagógica do Senac São Paulo, há uma clara orientação sobre a mediação docente. Veja:

o educador é um **criador de ambientes** e situações para que o aluno atue e aprenda como protagonista do processo de aprendizagem. **Planeja, estimula** a ação dos alunos, **promove a reflexão, sintetiza, reformula, critica e avalia**. Por estas e outras ações, **organiza o trabalho educativo**, como **mediador e orientador**.” (Proposta Pedagógica Senac São Paulo, 2005)

Em outras palavras, o **docente mediador**:

- é um parceiro na construção do conhecimento, é uma presença orientadora e mobilizadora de novas e significativas aprendizagens;
- estabelece relações horizontais, sabe a importância de ouvir e aprender com seus alunos;
- busca sempre identificar potencialidades, acredita e investe no potencial de aprendizagem de seus alunos;
- percebe as dificuldades de aprendizagem ou as situações de deficiência como um desafio a ser superado;
- busca apoio de seus pares (docentes/equipe técnica) e investe em estratégias que contemple as diferenças e peculiaridades de seus alunos;
- é atento às singularidades de seus alunos, percebe individualidades e a dinâmica do grupo;
- usa o registro para acompanhar o percurso de aprendizagem;
- reconhece o momento de se distanciar, ou seja, acompanha e orienta o aluno a uma certa distância, certo de que os desafios propostos pelas situações de aprendizagem estão num nível possível e adequado para o seu desenvolvimento

Conforme a Proposta Curricular dos Cursos Técnicos, o professor mediador deve também aprender a aprender, colocando-se no processo de ensino e aprendizagem como sujeito crítico-reflexivo, consciente de seu papel educacional e so-



cial e comprometido com a sua formação permanente. Além disso, propicia condições para que o aluno aprenda de forma significativa, potencializar a reflexão, a atitude investigativa e a busca de soluções criativas para a superação de desafios.

**“As ações do professor devem propiciar oportunidades de desenvolvimento de todas as formas de inteligência e potencializar o educando segundo suas capacidades.”  
(TEBAR, 2011)**



VALE A  
PENA  
ASSISTIR



#### **O Professor Mediador**

Palestra de Marcos Meier, promovida pelo Senac e realizada na abertura do programa de Mediação em Comunicados Escolares, no município de Taió. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hpWYbgVe\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=hpWYbgVe_w)>. Acesso em: 16 fev. 2016.

## **1.4 O aluno no processo de mediação**

Até aqui falamos sobre a ação educativa, de acordo com os princípios institucionais e nos quais o aluno é o foco do processo de ensino e aprendizagem.



## REFLITA

Como saber quem é o seu aluno?

Como propiciar que ele seja realmente autônomo?

Ao darmos início a um curso, é possível fazer uma previsão ou levantar uma hipótese sobre quem seja o nosso aluno. Essa é uma visão generalista, no entanto, logo nas primeiras atividades é importante procurar saber:

**Quais conhecimentos prévios o meu aluno dispõe sobre o que será abordado nesse curso?**

**Quais os seus desejos, expectativas e necessidades de aprendizagem?**

Para conseguir responder essas perguntas, é preciso investir em uma atividade de sondagem e investigação, que nada mais é do que uma avaliação diagnóstica. Esta deve acontecer no início das atividades e darão o “tom” das ações futuras.

Para tanto, será necessário elaborar situações de aprendizagem que fomentem o levantamento dessas informações – fundamentais para contextualizar as atividades a serem desenvolvidas ao longo do curso e, principalmente, para dar voz ao aluno.

De modo geral, os alunos que frequentam nossos cursos são pessoas jovens e adultas com o objetivo de desenvolver competências que possibilitem a realização pessoal e profissional. São oriundas de várias classes sociais, embora alguns cursos sejam porta de entrada para aqueles que buscam oportunidades de ascensão social<sup>2</sup>.

Alunos jovens e adultos têm características diferenciadas que favorecem a mediação para a autonomia. Assim, para que o aluno assuma ativamente seu papel no processo de ensino e aprendizagem, será importante considerar que:

---

<sup>2</sup> Essas informações estão disponíveis nas pesquisas realizadas pela Gerência de Planejamento e Gestão.

- ele é um parceiro capaz de identificar e reconhecer as suas necessidades de aprendizagem, compreender os objetivos e benefícios de um aprendizado, bem como as consequências de seu desconhecimento;
- ele é um sujeito inserido em seu tempo, permeado por informações, conhecimentos e saberes adquiridos com a sua história. Recebe uma intensa influência do universo virtual e tecnológico que possibilita o trânsito por um universo orientado por linguagens diferenciadas. Identificar, conhecer e valorizar essas características é o ponto de partida para elaboração de uma proposta pedagógica coerente e significativa;
- a motivação para a aprendizagem muitas vezes é norteadada pela satisfação de suas necessidades (geralmente imediatas) e interesses, voltados à realização pessoal e profissional;
- os alunos jovens e adultos devem participar da decisão sobre temas e assuntos que possam compor sua aprendizagem.

Compreender quem são esses alunos e de fato promover uma mediação para autonomia requer uma mudança no paradigma da dinâmica escolar, exige maior flexibilidade, mudança de formatos e estruturas cristalizadas para propiciar situações de inclusão e participação democrática, exercício da autonomia. Participação ativa não significa apenas que o aluno executará uma atividade ativamente; participação exige abertura para partilhar decisões pedagógicas e gestão do trabalho.

## 1.5 A mediação do trabalho em equipe

Falar de trabalho em equipe é falar de intercâmbio, de relações e interações sociais, fatores centrais para a evolução e o desenvolvimento humano.

E os ambientes educativos são espaços que favorecem esse desenvolvimento, pois promovem o crescimento colaborativo, a troca, o relacionamento social e o trabalho em equipe. É por isso que, na escola, os alunos são colocados em contato com o diferente, em situações de antagonismos e contradições. E os momentos de atividade com os pares, que podem provocar conflitos, geram mudanças e avanços nas aprendizagens.

Como essas atividades são causadoras de conflitos, é comum os alunos apresentarem certa resistência com relação ao trabalho em equipe, o que faz com que escolham os mesmos colegas da sala ou queiram desenvolver as atividades individualmente. Outros desejam ser avaliados com base no que os outros fizeram.

Nesses momentos, é importante que o docente esteja atento para mediar de maneira estratégica o trabalho em equipe, não necessariamente pensando em separar “amigos” ou até mesmo utilizando essa ferramenta como um castigo. Mas que possibilite situações em que os alunos possam escolher os seus pares (com consciência) e também que promova trabalhos em equipe com grupos previamente definidos, nunca se esquecendo da intencionalidade da ação e o que pretende alcançar com isso.

Os alunos precisam compreender que trabalhar em equipe faz parte da ação profissional. Portanto, saber compor uma equipe é uma importante habilidade para a composição de qualquer perfil profissional. São inúmeras as estratégias desenvolvidas pelas empresas para facilitar e harmonizar o convívio, logo, a eficiência do trabalho.



### VALE A PENA ASSISTIR



#### **Coisas de Pássaro (*For the Birds*) – Pixar**

O curta se passa em cima de uma linha de transmissão e conta a história de um grupo de pássaros que se sentem incomodados com um pássaro de outra espécie, que quer juntar-se a eles. No final, os pequenos pássaros terão muito o que se arrepender por terem sido pouco receptivos.

Disponível em: <<https://tune.pk/video/2654206/for-the-birds-original-movie-from-pixar>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

E para que o trabalho em equipe seja colocado em prática e traga avanços ao que o docente pretende alcançar junto aos alunos, é preciso:

- definir o objetivo que deseja alcançar com o trabalho proposto;
- sondar as necessidades individuais dos alunos, exemplo: “O aluno X precisa superar a timidez de falar em público ou precisa ser mais proativo”;
- definir quais são as parcerias mais colaborativas para atingir o objetivo traçado;
- promover contato entre os colegas por meio do diálogo;
- fazê-los refletir sobre seu papel dentro das equipes e sobre qual a melhor maneira de desenvolver e delegar funções dentro desse trabalho;
- avaliar os pontos positivos e negativos do trabalho realizado, pensando sempre em quais possíveis caminhos para melhorar o que não foi tão bom;
- acompanhar com muita proximidade o desenvolvimento dos grupos, fazendo as intervenções necessárias para o sucesso da ação.



### VALE A PENNA ASSISTIR



#### **Quando a união faz a força**

Nessa animação holandesa, aprendemos uma sábia lição: a união faz a força. Juntos, somos imbatíveis.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=elHgZr0aKoc&nohtml5>>.

Acesso em: 16 fev. 2016.



## REGISTRE

A mediação docente deve contribuir para ressignificar o trabalho em equipe, trazendo exemplos cotidianos e do campo profissional que falem da importância desse trabalho para alcançar os objetivos almejados.

O trabalho colaborativo propicia a vivência e a oportunidade de crescer e aprender com opiniões nem sempre iguais as nossas, o diferente complementa e aponta novas perspectivas que promovem o desenvolvimento. O desafio é aprender a conviver e crescer com a diferença, habilidade fundamental para o sucesso de qualquer prática profissional.

**“Ninguém aprende sozinho. Tampouco ninguém ensina ninguém.  
Os homens aprendem em comunhão, mediatizados pelo mundo”  
(FREIRE, 1996)**



## 2. A INDISCIPLINA

As questões que envolvem a indisciplina têm sido frequente motivo de desconfortos nas salas de aula, repercutindo não só na escola, mas no ambiente familiar e no meio social e profissional.

Para começarmos a pensar sobre esse tema, é preciso refletir sobre os contornos para o que chamamos de indisciplina, o que não é uma tarefa fácil.



### REFLITA

Nas situações tidas como indisciplinares não há respeito às regras?

Os alunos considerados indisciplinares apresentam posturas não esperadas e desagradáveis?

As situações de indisciplina apresentam conflitos entre alunos e docentes?

Nas situações de indisciplina há agressividade e desrespeito?

Provavelmente, não chegaremos a uma resposta única, ao tentar responder essas questões, já que há muita subjetividade nessa análise.

Mas o que antecipamos é que conflitos, discussões acaloradas sobre temáticas que emergem nas situações de ensino e aprendizagem ou questionamentos sobre atividades orientadas pelos docentes, desde de que preservem o respeito entre os pares, não são situações de indisciplina.

Todos os ambientes de convivência social possuem regras que precisam ser seguidas, mas também é necessário que o docente compreenda e reveja a maneira como concebe a palavra “obediência”. Obedecer às regras não significa submissão ou servidão, silêncio sem questionamentos. A obediência numa perspectiva mediadora, refere-se a aprender a conviver de forma harmônica, positiva e ativa, significa construção democrática de regras e que disciplina é segui-las com consciência crítica, compreendendo a sua importância.

Assim, convocamos o docente a repensar os seus valores e, por que não, re-construir alguns deles?

A autoridade, por exemplo, é vista e aplicada por muitos docentes como autoritarismo, o que em vez de contribuir, dificulta as relações, ou dá falsos resultados, de modo que o aluno obedece por medo da punição e não por compreender que determinada atitude não é a melhor opção para lidar com as situações. O autoritarismo não está relacionado a esperada postura dialógica de um docente mediador.



## REPERTÓRIO

**Autoridade** – sf. 1. Direito ou poder de fazer-se obedecer, de dar ordens, tomar decisões, agir, etc. 2. Aquele que tem esse direito ou poder. 3. fig. Influência, prestígio.

**Autoritário** – adj. relativo a autoridade; que se firma numa autoridade forte, ditatorial; revestido de autoritarismo; dominador; impositivo; a favor do princípio de submissão cega à autoridade.

MACHADO (2006). Disponível em: < <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=526>>

Quanto aos “limites”, devemos compreender a necessidade de haver um acordo coletivo daquilo que é permitido ou não em sala de aula. Essa “permissão” está diretamente relacionada a convivência colaborativa, respeitosa, ao bem-estar de todo o grupo.

Nesse sentido, ressaltamos que o diagnóstico inicial deve abarcar, inclusive, a dinâmica comportamental trazida pelo grupo: “os jovens são reflexo da sociedade em que vivem”. É preciso compreendê-los como sujeitos históricos em formação e entender que os seus comportamentos e atitudes revelam suas histórias de vida – dizem muito sobre suas características e formas de se portarem na escola, no trabalho e no mundo.



De acordo com Cortella (2005), “nós não nascemos prontos e vamos nos gastando, nós nascemos não prontos e vamos nos fazendo”. Mas o que isso significa? Em que essa frase contribui com a prática docente e a questão da indisciplina?

Estabelecer espaços de diálogo ao longo do percurso formativo contribui para a reconstrução de aspectos que os alunos trazem em sua formação pregressa e que dificultam a convivência em todos os âmbitos, principalmente na ação profissional.

Assim, para mediar a indisciplina em sala de aula, considere:

- possibilitar um consenso sobre o que poderá ser rotulado como indisciplina, envolvendo os alunos na elaboração de regras de convivência;
- agir com autoridade e não com autoritarismo;
- promover um ambiente coletivo e democrático;
- possibilitar momentos de reflexão de atitudes e seus impactos;
- buscar informações e considerar o contexto sócio-histórico do aluno (Quem é? Qual a sua origem? Sua história? ...)
- não ignorar os momentos de conflito, mas mediá-los por meio do diálogo, possibilitando a reelaboração de ideias, conceitos e valores;
- buscar e mostrar para o aluno o que ele tem de melhor e, com isso, contribuir com o coletivo.

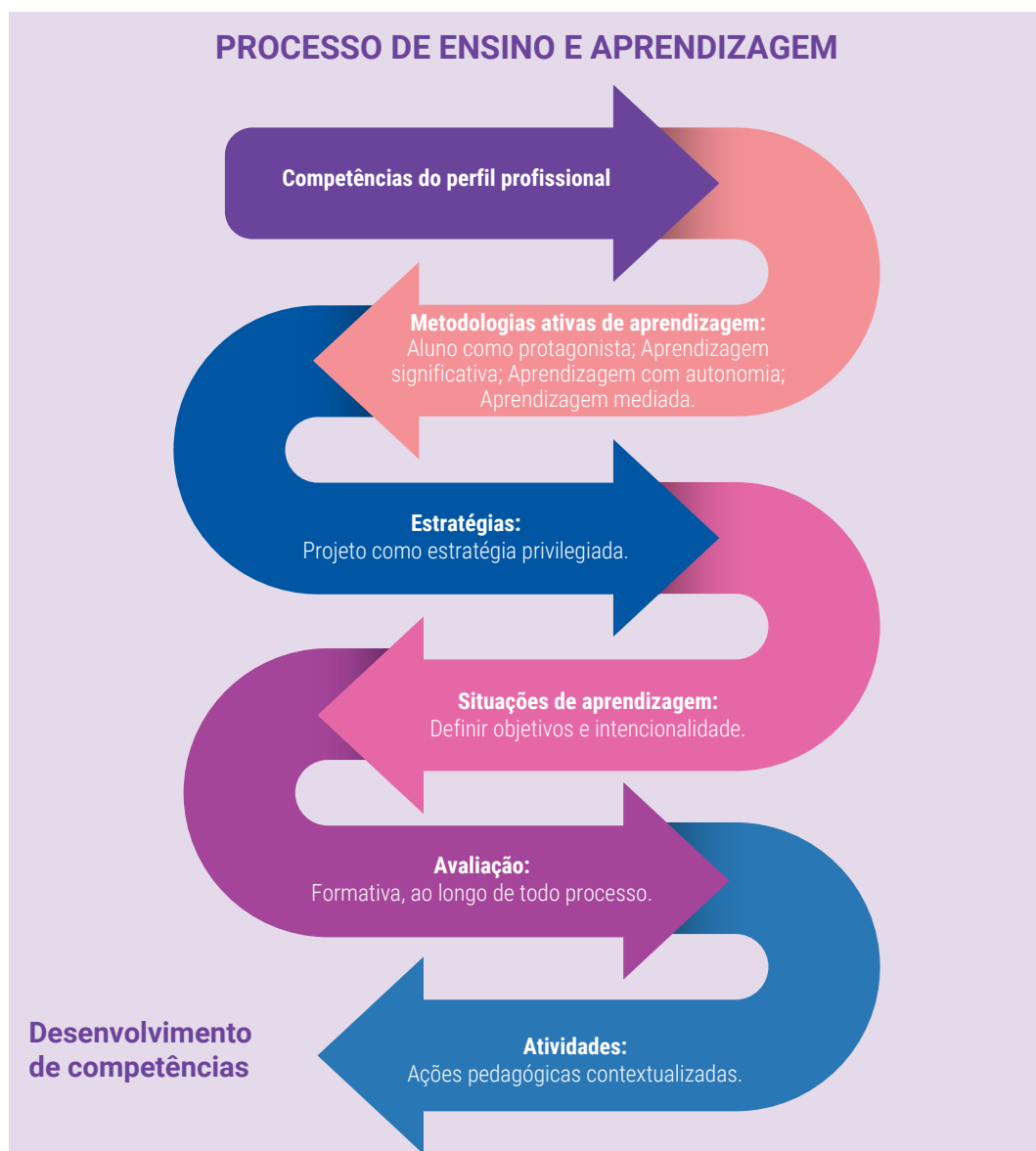
Agora que o convite à reflexão foi feito, vamos colocá-lo em prática? Mãos a obra e boa sorte!



### 3. ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Retomamos aqui os principais elementos que estão na base da estrutura do processo de ensino e aprendizagem do Senac:

Figura 3 – Principais elementos do processo de ensino e aprendizagem



Acompanhe:

- A **competência** de um determinado perfil profissional é o ponto de partida e ao mesmo tempo o objetivo a ser alcançado pelos processos educativos;
- As ações educacionais se fundamentam em **metodologias ativas** de ensino e aprendizagem, nas quais os alunos são estimulados a aprender pela ação: dialogando, pesquisando, observando, questionando, vivenciando. O aluno deve comparar, levantar hipóteses, duvidar, questionar, julgar, dar solução aos problemas, pois só assim ele estará desenvolvendo o que nós chamamos de operações mentais.

### Para a práxis pedagógica podemos afirmar que não existe aprendizagem passiva. (Vasconcellos, 1992)

- As **Situações de aprendizagem** são um conjunto de atividades articuladas e complementares, que visam o desenvolvimento de uma ou mais competências, ou a construção de um determinado saber, e são planejadas e mediadas pelo docente. A elaboração de uma Situação de Aprendizagem está diretamente ligada:
  - as aprendizagens que o docente pretende mobilizar para o desenvolvimento da competência e aos objetivos que quer alcançar;
  - ao Projeto Integrador e ao Tema Gerador que as contextualizam;
  - aos elementos que serão mobilizados e aos indicadores que se referenciam.
- A avaliação é uma prática intencional e tem por objetivo verificar o desenvolvimento de competências. Acontece durante todo o processo de ensino e aprendizagem, é formativa e colabora para a superação de desafios e consequente avanço das aprendizagens.

Desde o início da nossa discussão, buscamos tratar da mediação com a finalidade de suscitar reflexões sobre o papel do docente no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. E é partindo desse propósito que apresentaremos a seguir bons exemplos de situações de aprendizagem que podem ser colocados em prática.

## 3.1 Situações de aprendizagem

Planejar situações de aprendizagem que sejam significativas aos alunos não é uma tarefa fácil, pois é necessário, antes de tudo, entender como o aluno aprende e considerar suas dificuldades conceituais e potencialidades na resolução das atividades que serão propostas.

Essas atividades devem partir da premissa de que **o aluno aprende quando vê sentido no que realiza**. Portanto, é necessário analisar bem as situações a serem propostas com o objetivo de estabelecer relações entre o objeto de conhecimento e o mundo.

Se é possível afirmar que para que a aprendizagem aconteça, é necessário haver significado, e isso é algo singular, podemos concluir que uma mesma proposta de atividade pode não ser interessante para todos os alunos. Sendo assim, o que fazer?

O docente deve ter o olhar atento às questões individuais de seus alunos e como mediar para que diferentes aprendizagens sejam possíveis diante de uma única proposta.

A representação mental nos aproxima do que chamamos de **conhecimentos prévios**, ou seja, o que os construtivistas chamam de esquemas de conhecimento ou também o modo como um indivíduo interpreta a realidade em determinado momento. Os conhecimentos sobre a realidade implicam em diferentes representações, fatos, experiências pessoais, atitudes, normas que podem ser explorados nas atividades iniciais.

O ambiente escolar não pode ser visto como algo desconexo do mundo. É imprescindível que na práxis educativa, o docente articule os saberes (profissionais) ao cotidiano dos alunos e a um cenário mais amplo e atual para que o processo de ensino e aprendizagem torne-se realmente significativo aos alunos.

Assim, sempre tenha em mente essas questões:

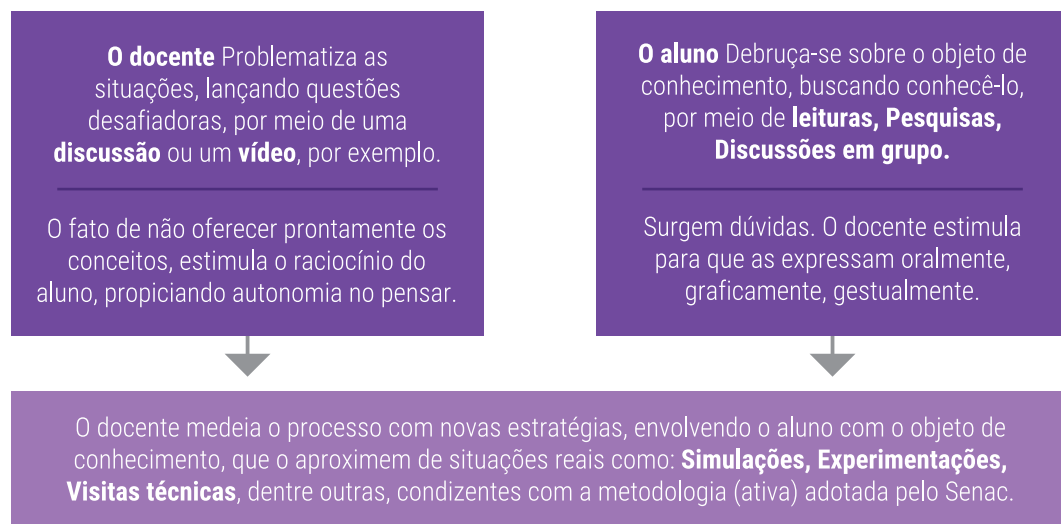
- O que eu quero promover com essas situação de aprendizagem?

- Mobilizar o interesse, resolver um problema, sistematizar as aprendizagens
- Qual o conjunto de estratégias mais adequado para esse fim?
- As palavras-chave orientam a escolha: estratégias para investigar, descrever, justificar...

A escolha da situação de aprendizagem está diretamente relacionada com a competência em desenvolvimento, esse é o principal critério e seu ponto de partida. As estratégias favorecem a participação do aluno e o encorajam a enfrentar um desafio diretamente ligado ao desenvolvimento da competência. Além disso, possibilitam que o aluno se envolva nas atividades e se torne, de certa maneira, responsável por seu processo de aprendizagem.

Veja nesse esquema um exemplo de como as situações de aprendizagem entram em cena na mediação.

**Figura 4 – Situações de aprendizagem.**



É importante destacar que a simples execução de uma atividade não garante que o aluno estabeleça as relações necessárias, que o leve a atingir os objetivos propostos e que, num conjunto de ações, o conduza à competência profissional desejada. Para que isso aconteça de fato **é necessário traçar uma trajetória lógica e significativa dentro de um contexto**.

É importante pensar na intencionalidade pedagógica antes, durante e depois de escolher as estratégias a serem colocadas em prática, considerando os materiais e as atividades que serão utilizadas.



## REGISTRE

A INTENCIONALIDADE é a bússola para traçar as rotas da aprendizagem, fazendo-nos definir o nosso ponto de chegada (OBJETIVOS) e a melhor rota para alcançá-lo (COMO? QUAIS CAMINHOS? QUAIS ESTRATÉGIAS?)

A cada atividade em que o aluno tenha que comparar, classificar, levantar hipóteses etc, é colocada em prática uma ação cognitiva diferente que estimula formas de pensar diversificadas.

Veja alguns exemplos de propostas de atividades que podem favorecer a elaboração dos planos de aula em função do objetivo didático traçado:

**Quadro 1 – Propostas de atividades de acordo com os objetivos didáticos**

Para:		Atividades que propiciem:
<b>Problematizar, despertar o interesse, levantar repertórios, introduzir temáticas</b>	▶	Investigar, explicar, dizer, discutir, explicar, buscar, sondar, lembrar, reconhecer, descrever, debater, definir
<b>Estimular o aprofundamento das aprendizagens</b>	▶	Investigar, explicar, dizer, nomear, buscar, sondar, descrever, planejar, gerir, definir, pesquisar, aprofundar, demonstrar, aplicar, usar, construir, criar, inventar, desenvolver
<b>Sistematizar as aprendizagens</b>	▶	Explicar, dizer, nomear, descrever, planejar, gerir, definir, pesquisar, aprofundar, demonstrar, aplicar, usar, construir, criar, julgar, recomendar, justificar, resumir, classificar, categorizar, analisar

**“Estamos no início das atividades e quero apresentar o Tema Gerador aos alunos para que possam definir seus projetos. Então, o objetivo é: despertar o interesse aproximando os alunos da temática. As atividades que utilizarei devem: instigar, sondar repertórios.**

**Assim, escolhi realizar com os alunos um debate sobre um vídeo.  
Mas, antes, preciso sondar o que pensam sobre o assunto..."**

Por fim, esclarecemos e chamamos a atenção para o fato de que o objetivo até aqui não foi apresentar uma receita pronta sobre como desenvolver uma aula. Mas apresentar os aspectos que podem nos ajudar nessa tarefa.

**Figura 5 – Elementos para a organização de uma aula**



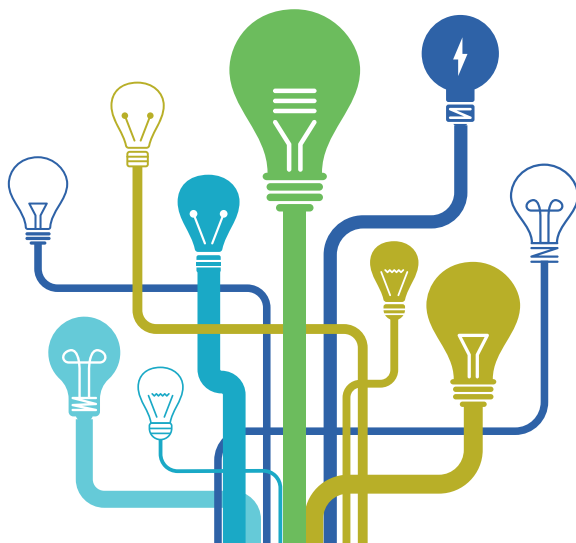
## 4. TEORIA E PRÁTICA OU TEORIA OU PRÁTICA?

A discussão sobre teoria e prática não é nova. Suas raízes estão em modelos dicotômicos de educação, vinculados à educação tradicional, em que a teoria estava relacionada ao conhecimento técnico-científico e a prática à sua aplicação, a concretização da ação.

O modelo de competências, pautado nos quatro pilares da educação, busca romper com essa lógica. A proposta é que ensino e aprendizagem aconteçam de forma integrada. Assim, não organizamos os componentes curriculares entre teóricos e práticos. Estamos pautados nas dimensões da competência para estruturar a organização. As dimensões, por si só, articulam e integram a teoria e a prática.

No Senac, primamos pela promoção de situações de ensino e aprendizagem que estimulam a construção dos saberes. E como fazemos isso?

As situações são planejadas para que uma determinada competência se desenvolva gradativamente com a participação ativa do aluno. A metodologia concebe que o conhecimento não está pronto ou acabado, o aluno deve vivenciar a sua construção. Para tanto, as situações de ensino e aprendizagem que propiciam o aprender fazendo são as mais estimuladas. Dessa forma, as propostas (atividades) devem ser desafiadoras. Estas articulam as dimensões da competência para sua realização, assim, não há fragmentação ou dicotomia, mas integração e complementariedade, propiciando que o aluno entenda e se desenvolva plenamente.







## REPERTÓRIO

Jacques Lucien Jean Delors, economista e político francês, estudou Economia na Sorbonne. Foi professor visitante na Universidade Paris-Dauphine (1974-1979) e na Escola Nacional de Administração (França). De 1992 a 1996, presidiu a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO. Neste período, foi autor do relatório “Educação, um Tesouro a descobrir”, em que se exploram os Quatro Pilares da Educação.

Durante seu trabalho na UNESCO, apontou como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida, fundamentada em quatro pilares, que são, concomitantemente, do conhecimento e da formação continuada. Os pilares e os saberes e competências a se adquirir são apresentados, aparentemente, divididos. Essas quatro vias não podem, no entanto, dissociar-se por estarem interligadas, constituindo interação com o fim único de uma formação holística do indivíduo.

A seguir, uma síntese dos quatro pilares para a educação no século XXI, segundo Rodrigues:

Aprender a conhecer – É necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento para que não seja efêmero, para que se mantenha ao longo do tempo e para que valorize a curiosidade, a autonomia e a atenção permanentemente. É preciso, também, pensar o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar.

Aprender a fazer – Não basta preparar-se com cuidados para se inserir no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões pede que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, desenvolvendo espírito cooperativo e de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas, valores necessários ao trabalho coletivo. Ter iniciativa e intuição, gostar de uma certa dose de risco, saber comunicar-se e resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas.

Aprender a conviver – No mundo atual, este é um importantíssimo aprendizado por ser valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum.

Aprender a ser – É importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.

Fonte: < [www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=337](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=337) > Acesso em 03 fev. 2016

## 5. INOVAÇÃO EDUCACIONAL

A palavra **inovação** nos remete a ideias associadas: a mudança e ao novo. Na educação, essas ideias são tratadas de muitas formas, como uma nova metodologia ou uma nova estrutura que pode alterar a forma de realização de uma determinada ação.

A inovação na educação, frequentemente, é recebida com muita crítica e resistência, pois carrega uma ideia de avaliação quase sempre negativa, como se o formato original não fosse bom, devendo ser substituído por outro melhor. Não é nessa perspectiva que iremos abordar esse assunto.

No contexto Senac, a inovação é a capacidade de nos mantermos atualizados, de sermos criativos e flexíveis para as mudanças, buscando novos desafios que possam proporcionar maior interesse e aprendizagem por parte dos alunos. A inovação é um processo intencional, que exige compromisso e persistência, ela traz algo de “novo”, que dê novo vigor a todos os envolvidos no processo.

Nesse sentido, é possível pensar em muitas possibilidades de inovação da prática pedagógica, com a utilização de linguagens, recursos e tecnologias. No entanto, esse processo exige pesquisa e objetividade, análise de sua eficiência e resultados. Por exemplo, a lousa eletrônica é um recurso inovador, mas não necessariamente uma inovação metodológica, se for utilizada apenas como uma possibilidade de registro e veículos de comunicação.

Por outro lado, as práticas inovadoras nem sempre nos parecem tão novas assim. Muitas vezes, assumem novas roupagens, e derivam de velhos conhecidos como Dewey ou Vygotsky. Nem sempre a inovação nos exige o uso de recursos ou tecnologias. Mudar a disposição dos alunos no ambiente educativo, incentivar que realizem uma atividade com linguagens diferentes das usadas no cotidiano, explorar ambientes diferenciados nas escolas, e promover diferentes arranjos espaciais e temporais podem contribuir para estimular o interesse dos alunos e potencializar o ensino e a aprendizagem.

Das principais tendências e práticas que vem sendo debatidas, disseminadas e experimentadas por diferentes instituições em todo o mundo, destacamos 4 tendências que poderão nortear nossas ações: Personalização, Experimentação, Colaboração e Virtualização.

- **Personalização:** voltada ao atendimento de necessidades individualizadas, considerando que as pessoas aprendem de formas e em ritmos diferentes, as soluções e estratégias respondem aos interesses dos estudantes, considerando sua individualidade e permitindo trajetórias educacionais diferenciadas com foco em seus projetos de vida: certificações diferenciadas, educação informal, ambientes pessoais de aprendizagem; roteiros de estudos individuais, sala invertida é a essência do ensino personalizado.
- **Experimentação:** voltada ao aprender fazendo (cultura maker), “aprendizagem mão na massa” (hands-on), vivenciando ações educativas que façam sentido para a vida real. Aprender por meio de experiências práticas e investigação, onde o aluno assume um papel central, manipulando, controlando e observando as variáveis para estabelecer a relação entre causa e efeito: projetos, desafios reais, resolução de problemas, games, laboratórios;
- **Colaboração:** pressupõe o compartilhamento e a construção coletiva do conhecimento, além de destacar-se como uma das Competências para o Século XXI: viver e aprender em rede, ambientes colaborativos de aprendizagem, inteligência coletiva, redes sociais.
- **Virtualização:** voltada a ampla utilização de recursos digitais para o ensino e a aprendizagem, em sintonia com avanços da tecnologia da informação e comunicação (TICs): educação a distância, aplicativos, acesso massivo à internet, dispositivos móveis, laboratórios móveis e virtuais;

Figura 6 – Conceitos que regem a inovação educacional



Para alimentarmos nosso repertório, levantamos algumas estratégias inovadoras presentes em espaços educacionais da atualidade e algumas delas já estão presentes em nossa realidade (Senac São Paulo). É importante que cada docente procure estratégias que adequadas ao perfil dos alunos e do curso facilitem e potencializem o alcance de sua mediação. Conheça-as:



### Sala de aula invertida

O **flipped classroom**, ou sala de aula invertida, é um método que inverte a lógica de organização da sala de aula. Com ela, os alunos estudam os conhecimentos técnico-científicos em casa, por meio de vídeo aulas ou outros recursos interativos, como games ou arquivos de áudio. A sala de aula é usada para a realização de exercícios, atividades em grupo e realização de projetos. O docente estimula discussões e aprofunda o tema, além de tirar as dúvidas da turma. Essa estratégia contribui para estimular a capacidade de autogestão, a autonomia e o trabalho em equipe.

Para saber mais: <http://porvir.org/wiki/sala-de-aula-invertida-2>



### Ensino híbrido

É uma combinação entre os formatos presencial e a distância de forma complementar, com ampla utilização de ferramentas tecnológicas. Essa tendência tem como características proporcionar a autonomia, disponibilizando vários formatos para que o aluno opte por onde, como, o que e com quem irá estudar. Há momento de estudo individual, geralmente de maneira virtual, e outros presenciais. No espaço presencial, há a presença de um tutor ou professor que propõe atividades que envolvem uma turma no desenvolvimento de projetos. Para o estudo a distância, há uma plataforma que possibilita a interação entre professores e alunos. Utilizam muitos recursos tecnológicos, hoje habituais, como tablets e celulares.

Para saber mais: <http://porvir.org/wiki/sala-de-aula-invertida-2>



### Experimentação

A experimentação está relacionada com o desenvolvimento de projetos de aprendizagem, em que os alunos são motivados a resolver problemas, a solucionar desafios. A organização é interdisciplinar, os alunos buscam o conhecimento de acordo com o desenvolvimento de suas propostas (projetos). O professor orienta e acompanha a realização dos projetos, estimula o desenvolvimento e realiza feedbacks aos alunos. Há espaços de produção, “espaços makers” com recursos como impressora 3D, materiais eletrônicos recicláveis, Legos, ou seja, subsídios para que os alunos coloquem suas ideias em ação.

Para saber mais: <https://www.napratica.org.br/veja-as-inovacoes-prometem-remodelar-o-mercado-de-educacao/>

## BIBLIOGRAFIA

BARLOW, Michel. Avaliação escolar: mitos e realidades. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar - ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BORDENAVE, J & PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de Ensino-Aprendizagem. 30. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BURON OREJAS, Javier. Enseñar a aprender- Introducción a la metacognición. Espanha, Bilbao: Ediciones Mensajero, 2000.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COLL, César. O construtivismo em sala de aula. São Paulo: Ática, 1996.

CORTELLA, Mário Sérgio & LA TAILLE, Yves. Nos labirintos da moral. Campinas: Papirus, 2005.

COSCARELLI, Carla V. Glossário Ceale. Disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/conhecimentos-previous-na-leitura> > Acesso em 03 fev. 2016.

DEMO, Pedro. Saber pensar 4ª. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Pulo Freire, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Yves. Nos labirintos da moral. Campinas: Papirus, 2005.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: < [http://www.infopedia.pt/\\$pratica-sociologia](http://www.infopedia.pt/$pratica-sociologia) > Acesso em 03 fev. 2016.

MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

MACHADO, J. L. de A. Autoridade e Autoritarismo na Sala de Aula. 2006. Disponível em: < <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=526> >

MORAES, C. R.; VARELA, S. Motivação do aluno durante o processo de ensino- aprendizagem. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007 Disponível em: < [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf) > Acesso em 03 fev. 2016.

SLATER, W. y Graves, M., Investigaciones sobre el texto expositivo. En Muth, Denise, 1991.

SOUZA, A. M. M.; DEPRESBITERIS, L. ; MACHADO, M. T. O. A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2004.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

TÉBAR, Lorenzo. O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. VASCONCELLOS, C, S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.